

A ATUALIDADE DA COMPREENSÃO DE IGUALDADE DE INTELIGÊNCIAS DE JOSEPH JACOTOT NA ATIVIDADE DE TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA

Tammy Silveira Ito¹

A Tertúlia Literária Dialógica – TLD² – é uma atividade de leitura coletiva e dialógica em torno dos clássicos da literatura e tem como base teórico-metodológica a concepção da Aprendizagem Dialógica. Tal concepção é formada por sete princípios - diálogo igualitário, inteligência cultural, dimensão instrumental, transformação, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças - que na prática se dão como unidade. Interessa-me, neste trabalho, estabelecer relações entre o princípio contemporâneo de *inteligência cultural* (FLECHA, 1997) e a compreensão de *igualdade de inteligências*, proposta por Joseph Jacotot no século XIX (RANCIÈRE, 2004), verificando a atualidade desta última concepção na atividade de leitura da TLD.

Aproximações entre o princípio contemporâneo de inteligência cultural e a compreensão de igualdade de inteligências proposta por Joseph Jacotot no século XIX

Para o entendimento de uma visão jacotista de inteligência é preciso, primeiramente, ressaltar o alerta que o pedagogo francês faz sobre a desigualdade. De acordo com Rancière (2004), Jacotot rechaçava os processos educativos que assumiam a igualdade como ponto de chegada e não como ponto de partida, ou seja, criticava a lógica escolar que estava mais preocupada em “reduzir” as desigualdades do que verificar as igualdades. Tendo em vista, portanto, que normalmente a relação pedagógica parte da desigualdade num discurso de uma busca à igualdade, o “mito pedagógico” acaba por dividir a inteligência em duas: a inferior e a superior.

A primeira registra as percepções ao acaso, retém, interpreta e repete empiricamente, no estreito círculo dos hábitos e das necessidades. É a inteligência da criancinha e do homem do povo. A segunda conhece as coisas por suas razões, procede por método, do simples ao complexo, da parte ao todo. É ela que permite ao mestre transmitir seus conhecimentos, adaptando-os às capacidades intelectuais do aluno, e verificar se o aluno entendeu o que acabou de aprender. Tal é o princípio da explicação. Tal será, a partir daí, para Jacotot, o princípio do embrutecimento (RANCIÈRE, 2004, p. 24).

Ao subordinar uma inteligência (senso-comum) à outra (ciência), o embrutecimento suscita a lógica da hierarquização das inteligências. É contra essa lógica de hierarquização que Jacotot defende sua hipótese central de igualdade de inteligências, na qual não há uma divisão entre uma inteligência inferior e outra superior, visto que todas as ações humanas são frutos de uma mesma operação de inteligência. Nessa perspectiva, a mesma inteligência aplicada em determinada ação pode ser operada em outra; assim, não há dois tipos de inteligências; o que há, de fato, são manifestações desiguais de inteligência:

¹ Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: tammyito10@gmail.com.

² Daqui em diante será utilizado o termo TLD.

Eis tudo o que está em Calipso: a potência da inteligência, que está presente em toda manifestação humana. A mesma inteligência faz os nomes e os signos matemáticos. A mesma inteligência faz os signos e os raciocínios. Não há dois tipos de espíritos. Há desigualdade nas manifestações da inteligência, segundo a energia mais ou menos grande que a vontade comunica à inteligência para descobrir e combinar relações novas, mas não há hierarquia de capacidade intelectual. É a tomada de consciência dessa igualdade de natureza que se chama emancipação, e que abre o caminho para toda aventura no país do saber. Pois se trata de ousar se aventurar, e não de aprender bem, ou mais ou menos rápido. (RANCIÈRE, 2004, p. 49).

De acordo com o autor, os excluídos (cultural, econômica e/ou socialmente) geralmente se subscrevem, eles próprios, a sentença de sua exclusão e admitem suas inteligências como sendo inferiores às outras. Diante disso, para que homens e mulheres assumam a ideia de igualdade de inteligências e reconheçam a dimensão de sua capacidade intelectual e decidam quanto a seu uso, o círculo de emancipação intelectual deve ser começado. O ignorante, diz Jacotot, “conhece seu ofício, seus instrumentos e uso; ele seria capaz, se necessário, de aperfeiçoá-los. Ele deve começar a refletir sobre essas capacidades e sobre a maneira como as adquiriu” (RANCIÈRE, 2004, p. 61).

Logo, a emancipação intelectual refere-se ao reconhecimento que a inteligência está em todas as ações do espírito humano. Tais homens e mulheres compreenderiam que não se nasce com maior ou menor inteligência; o que difere, para Jacotot, é a necessidade na aplicação das operações de inteligência em determinada ação:

É inútil discutir se sua inteligência “menor” é um efeito da natureza ou da sociedade: eles desenvolvem a inteligência que suas necessidades e circunstâncias exigem. Ali onde a necessidade cessa, a inteligência repousa, a menos que uma vontade mais forte se faça ouvir e diga: continua; vê o que fizeste e o que podes fazer se aplicares a mesma inteligência que já empregaste, investindo em toda coisa a mesma atenção, não te deixando distrair em teu caminho (RANCIÈRE, 2004, p. 79).

A defesa de que todas as pessoas possuem inteligência e que essa mesma capacidade intelectual pode ser aplicada em outros contextos é também hipótese central da compreensão de inteligência cultural na Aprendizagem Dialógica. Porém, a fundamentação desse entendimento na visão jacotista e na visão dialógica divergem em certo ponto.

A inteligência cultural é um conceito que surge diante da pluralidade de dimensões das interações humanas. Autores estudiosos desse princípio afirmam que a inteligência acadêmica e a prática não são suficientes no marco da racionalidade comunicativa que a sociedade atual se encontra. Diante disso, propõe-se o conceito de inteligência cultural que, numa base interativa com as inteligências acadêmicas e práticas, potencializam as aprendizagens.

Essa diferenciação de inteligências acadêmicas, práticas e interativas que os estudos da Aprendizagem Dialógica faz não significa, no entanto, uma hierarquização das inteligências; não se trata de opor saberes do povo dos saberes do professor universitário, por exemplo. A inteligência cultural engloba todos os saberes funcionais em seu contexto de desenvolvimento e manifestação, de forma a alcançar acordos e consensos cognitivos, éticos, estéticos e afetivos.

Assim, para Flecha (1997, p. 21) “unos hacemos bien exámenes de mecánica, otros saben arreglar el coche cuando se para em la carretera. Puede realizarse el tránsito de uno a otro ámbito (del aula a la carretera o vice-versa) siempre que se den algunas condiciones”.

Porém, como já visto, para Jacotot a divisão do mundo em inteligências consequentemente implica na lógica de inteligências inferiores e superiores. Para o pedagogo francês, não há diversas maneiras de ser inteligente:

O pensamento emancipador acredita que, por toda parte, a mesma inteligência está em ação e recusa a visão do “cada um em seu lugar com sua inteligência própria”, em que cada qual teria sua parte: uns teriam a árvore, os outros, o papel; uns teriam o particularismo cultural, os outros, o universalismo da lei etc. A emancipação supõe um funcionamento igual e, portanto, universal da inteligência. Ela recusa, no fundo, a lógica das repartições. Mas ela certamente também recusa a idéia de que haveria uma cultura específica do universal, a ser oposta às culturas particulares (RANCIÈRE, 2004, p. 95).

Assim, se para o conceito de inteligência cultural da Aprendizagem Dialógica as inteligências são diferentes e estão reportadas ao contexto cultural pertencente, de forma que a “junção” dos diversos saberes por meio de uma base comunicativa e dialógica potencializam as aprendizagens, para o pensamento emancipador de Jacotot, não deve haver, de forma alguma, a divisão de inteligências, ou seja, recusa a ideia de que cada um tem uma inteligência própria de acordo com seu lugar.

Todavia, se por um lado esse é um ponto importante de afastamento entre essas concepções, é justamente a partir desse ponto que a visão dialógica e a visão jacotista de inteligência convergem.

Em primeiro lugar, ambos os entendimentos de inteligência refutam qualquer tipo de hierarquização das inteligências. Tanto na visão jacotista quanto na Aprendizagem Dialógica, todas as operações humanas são fruto da mesma inteligência e, por isso mesmo, podem ser aplicada em outros contextos. Assim, Rancière (2004) afirma que a preocupação não está em saber “quem construiu Tebas e suas sete portas, para reivindicar o lugar de construtores e de produtores na ordem social. Trata-se, ao contrário, de reconhecer que não há duas inteligências, que toda obra da arte humana é a realização das mesmas virtualidades intelectuais”.

No mesmo sentido, para Flecha (1997) todas as pessoas possuem inteligência cultural; a desigualdade se dá nas diversas contingências de situação em que a inteligência se desenvolve. Para o autor, o importante é que as pessoas se convençam de que a inteligência que aplicam em determinada coisa pode ser feita em outra situação, se tiverem a oportunidade de demonstrá-la.

Assim, as perspectivas de inteligência aqui estudadas implicam na mesma questão: que homens e mulheres reconheçam que não há inteligências inferiores e superiores, mas apenas diferentes necessidades para que a inteligência se desenvolva. Na visão jacotista, para esse reconhecimento, é fundamental a emancipação intelectual para que as pessoas se convençam de que podem aplicar a mesma operação intelectual em outros âmbitos. Da mesma forma, para a compreensão da Aprendizagem Dialógica, ainda que as inteligências se diferenciem (acadêmica, prática, interativa), são frutos de uma mesma operação humana.

A atualidade da compreensão de igualdade de inteligências de Jacotot na Tertúlia Literária Dialógica

Alguns séculos separam Jacotot e Flecha e ainda assim o tom de alerta de ambos estudiosos confluem na mesma direção: a crença do povo na sua inferioridade em diversos âmbitos da vida. Homens e mulheres, social, cultural e economicamente excluídos/as acreditam na existência de uma inteligência superior e outra inferior, na qual a sua encontra-se no patamar mais baixo. De acordo com Flecha (1997), apesar das muitas demonstrações da arbitrariedade

da valorização de uma inteligência em detrimento de outra, a hierarquização das “capacidades intelectuais” ainda estão impregnadas nos processos educativos.

Ainda de acordo com o autor, ao estudar as atividades de Tertúlia Literária Dialógica, constatou que as pessoas se inibem em espaços mais acadêmicos e se veem como incapazes de dialogar sobre o livro lido. No mesmo sentido, Rancière (2004, p. 79) afirma:

“Eu não posso” significa que emprego minha inteligência em me provar que eu não posso. Com isso, eu a emprego em me provar que os outros não podem, e assim por diante. A transferência da vontade consiste nisso, e é importante que exista um dispositivo material – eventualmente representado pelo livro que é estendido ao aluno – para encarnar essa transferência da vontade.

Como visto anteriormente, acerca da vontade Jacotot afirma que a pessoa deve se encorajar, ver o que é capaz de fazer e aplicar a mesma inteligência em outras situações. Se para o pedagogo francês o livro pode ser o dispositivo material que encarna a transferência da vontade, a TLD apresenta as “condições” - espaços, momentos, pessoas, material... - para esse movimento.

Isso porque a TLD se configura numa atividade de leitura cujos participantes podem compartilhar experiências, interpretações e visões de mundo a partir do que foi lido, não ficando meramente restritos ao desvelamento das interpretações ditas corretas. A possibilidade de relação do texto com o mundo da vida “borra” as imposições acerca do que é certo na interpretação de um livro e, conseqüentemente, rompe com estatutos de poder no qual uma única figura detém o poder sobre o que se lê.

E a empreitada do pedagogo francês, iniciada em 1818 com a assunção do posto de professor nos Países Baixos, se deu justamente em torno de um livro: *Telêmaco*. Tal livro, com edição bilíngue, representava o elo entre alunos que ignoravam o francês, e Jacotot que tão pouco sabia o holandês. Foi então, percebendo que seus alunos, abandonados a si mesmos, se saíram tão bem na tarefa de escrever em francês sobre o que havia lido, que a revolução no pensamento de Jacotot começou.

Até então, acreditava que era tarefa do professor transmitir seus conhecimentos aos alunos – ignorantes – de modo que chegassem à sua própria ciência. Após a experiência com *Telêmaco*, Jacotot passa a defender a emancipação intelectual para o reconhecimento da igualdade de inteligência. Nessa perspectiva, Jacotot afirmava que o ignorante sempre sabe alguma coisa e sempre pode relacionar o que ignora ao que já sabe. E este movimento começa pelo obstáculo aparentemente mais intransponível: o da leitura. “O livro sela a nova relação entre dois ignorantes que a partir daí se reconhecem como inteligências. E essa nova relação transforma a relação embrutecedora(...)” (RANCIÈRE, 2004, p. 63)

Considerações finais

Desenvolver a Tertúlia Literária Dialógica é também se posicionar contra qualquer tipo de exclusão e vemos isso claramente nos princípios dialógicos norteadores desta atividade, entre eles, a inteligência cultural. Isso porque tal princípio possibilita que homens e mulheres verifiquem que há inteligência em todas as ações humanas, diferenciadas pelo contexto de surgimento, mas de forma alguma hierarquizantes.

Porém, para que verifiquem isso, é preciso práticas educativas que possibilitem um diálogo igualitário. Não adianta defendermos que a inteligência está em todas as ações humanas e que pode ser transferidas a outros contextos, se não há espaços para que isso se manifeste; torna-se uma contradição pedagógica e política.

Por isso mesmo é que a Tertúlia Literária Dialógica apresenta-se como atividade de leitura em que as compreensões são construídas a partir do poder argumento, e não do argumento do poder. Ou seja, a leitura e interpretação não se centram em uma pessoa, pois a ideia desta atividade não é fazer a análise de uma determinada obra, mas sim, proporcionar espaços de reflexão e diálogo a partir das diferentes interpretações que são disparadas a partir de um mesmo livro.

Referências

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FLECHA, R. **Compartiendo palabras**: el aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós, 1997.